

Instituto Agrário de Chimoio: A transformação

Fizemos recentemente breve referência ao Instituto Agrário de Chimoio, em particular ao respectivo Departamento de Informação e Propaganda, publicando então alguns trabalhos literários de seus alunos.

Teria interesse dar conhecimento de experiências realizadas e que cimentaram obra válida naquele Instituto durante o ano lectivo de 1980. Com esse objectivo efectuámos uma mesa-redonda.

Participaram na mesa-redonda os seguintes diplomados naquele ano, os três primeiros com o curso de Agricultura e os restantes com o curso de Pecuária: Filipe Nhambe, João Manja, Hassane Rachide, Marina Canotilho, Pinto Ribeiro, Armando Couto.

João Manja, Marina Canotilho e Hassane Rachide tiraram no último ano de estudos, um

curso acelerado de professores de ensino agrário nos seus ramos e estavam já afectados ao Ministério da Educação e Cultura. Os outros três diplomados aguardavam a sua colocação profissional.

TEMPO — Gostaríamos de saber como está organizado o Instituto Agrário de Chimoio e como funciona...



ARMANDO COÛTO — Ministram-se quatro cursos de nível médio com a duração de três anos: Agricultura e Pecuária, Silvicultura e Mecanização Agrária. Nos cursos de Agricultura, Silvicultura e Pecuária há um primeiro ano de formação geral básica comum, com as especializações nos dois anos seguintes. O curso de Mecanização Agrária não tem essa preparação geral, começando a especialização logo no primeiro ano. Em 1980 frequentaram o Instituto 280 e poucos alunos, com dominância para o curso de Agricultura.

1980: ANO DA TRANSFORMAÇÃO

PINTO RIBEIRO — Recebemos de Sua Excelência o Ministro da Educação e Cultura a palavra de ordem: **fazer de 1980 o ano de viragem e transformação do Instituto Agrário de Chiomoio.**

Penso que o importante para começarmos a notar a transformação foi a actuação da nova Direcção, principalmente do Director que, pelos seus métodos de trabalho, soube galvanizar a maioria dos alunos. Até aí, o que se fazia, partia da iniciativa de alguns alunos que concordavam tacitamente com os métodos utilizados, sem a participação consciente de toda a juventude.

O primeiro trabalho foi a reorganização da Célula do Partido que funcionava mal e estava desfalcada dos alunos seus membros que tinham acabado os cursos. Formado um novo Secretariado, estabeleceram-se logo boas relações entre a Célula e a Direcção e as relações entre os próprios alunos melhoraram. Conseguiu-se a mobilização dos alunos para a sua participação massiva nas actividades do Instituto.

Paralelamente, reorganizou-se a OJM que passou a ter um novo Secretariado e juntamente com a Direcção e a Célula do Partido, criaram-se as secções prioritárias que começaram logo a trabalhar para o correcto funcionamento da Escola.

A. C. — Quero esclarecer que a nova Direcção nasceu em resultado da intervenção dos alunos, porque a situação de 1979 não poderia continuar, já que a Direcção não era assumida por entidade competente. A substituição permitiu a existência de uma estrutura da OJM não de gabinete mas que soube engajar a totalidade dos alunos em actividades voluntárias para o desempenho de todas as tarefas.

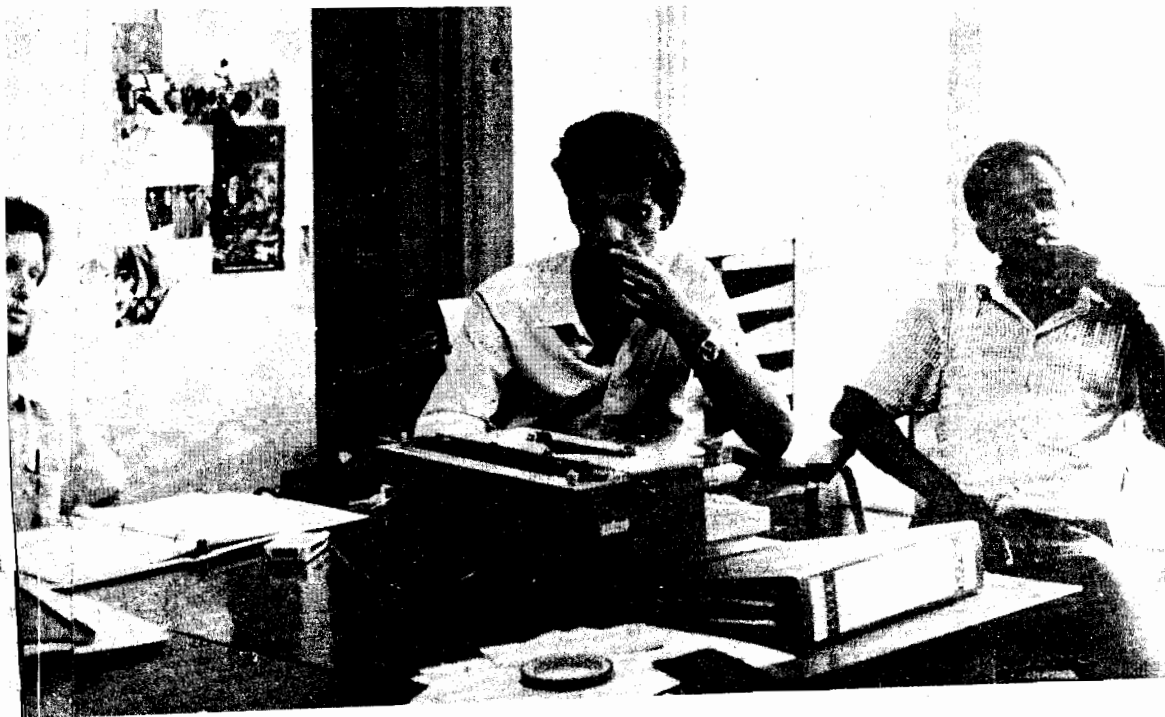
FILIPE NHAMBE — Cada aluno de todas as secções passou a ter uma tarefa bem definida e concreta. Por exemplo, no teatro, as turmas faziam as suas propostas de peças e indigitavam alunos para o desempenho dos papéis.

POLIVALÊNCIA CULTURAL E NÃO SÓ

HASSANE RACHIDE — Acho que a riqueza das realizações da OJM no Instituto deveria ser transmitida a nível nacional.

Falando das secções de Cultura, paralelamente à Campanha de Emulação Socialista, realizaram-se actividades interturmas, dinamizadas pelo Departamento de Cultura do Instituto e pelos responsáveis de base, quebrando-se assim o mito de um grupo especial, fixo, exclusivo para as actividades culturais.

Anteriormente, nos fins-de-semana, nada se fazia. Durante 1980, em cada fim-de-semana havia duas turmas encarregadas de apresentarem a toda a comunidade escolar, activida-



Da esquerda para a direita: Filipe Nhambe, João Manja, Marina Canotilho, Pinto Ribeiro, Armando Couto, Hassane Rachide

des culturais como forma de recreação na Escola: dança, jograis, poesia, canção. Poucos serão os alunos agora saídos do Instituto que em 1980 não tenham feito nada no âmbito cultural. A par disso, estimulava-se a turma que melhor apresentasse uma actividade, em termos de conteúdo, forma, e expressão, etc.

Um evento importante foi o envolvimento cultural de todas as turmas nas comemorações do aniversário da Independência, premiando-se com uma viagem à Penhalonga toda a turma distinguida. Também se estimularam com um presente todas as pessoas que participaram nessas comemorações.

Tudo isto permitiu que para qualquer deslocação ao exterior do Instituto, se pudesse escolher imediatamente as turmas que melhor apresentassem dança, canção, poesia ou teatro.

MARINA CANOTILHO — É bom frisar também a ligação dos alunos com os professores e com a comunidade exterior.

Os professores apresentavam Cultura para os alunos. Os alunos levavam as suas actividades culturais à comunidade exterior e as populações correspondiam, apresentando na Escola as suas actividades com a participação dos alunos.

A. C. — A OJM conseguia fundos para os passivos que programava, através das actividades desenvolvidas pelo Instituto principalmente na cidade de Chimoio.

JOÃO MANJA — Em 1978 e 1979, os alunos sentiam a necessidade de tomar iniciativas. Mas em 1980 estas puderam ser enquadradas. Então aconteceu que alunos que tinham a possibilidade de ir à cidade, desistiam de o fazer porque preferiam participar nas actividades trazidas pelas populações.

T — **Que outros tipos de actividades puderam realizar?**

J. M. — Ainda no movimento cultural, que envolvia todas as pessoas na canção, dança, poesia, contos, houve alguns que manifestaram capacidade criativa nas artes plásticas e assim se formou o Núcleo de Artes Plásticas. Fizemos duas exposições no Instituto, com desenhos e pinturas dos próprios alunos, a primeira por iniciativa de uma turma e foi esta que levou à formação do Núcleo.

Projectávamos já, através do mesmo Núcleo divulgar, por inventariação, actividades artísticas e de artesanato das populações vizinhas: cerâmica, cestaria, instrumentos musicais, utensílios, etc.

No campo da Preservação Cultural há a referir também a formação dum Núcleo de Inventariação e Recolha de Tradição Oral, principalmente de literatura, cujo material era passado aos Serviços Provinciais de Cultura.

T — **Nunca se preocuparam com a música?**

J. M. — A música igualmente nos interessou. De princípio, havia em cada turma três ou quatro alunos que sabiam tocar viola. Dentro

das actividades culturais, cada turma passou a apresentar números musicais em viola e canções moçambicanas. A partir do teatro, introduzimos execução de música no piano do Instituto. Os alunos tomaram então a iniciativa de formar conjuntos para acompanhamento de canções, poemas e teatro: cada ano organizou o seu conjunto.

Também se conseguiu criar números musicais e publicou-se um disco intitulado **Sivuma** que é o nome do respectivo conjunto, com gravação feita em Maputo por intermédio do INLD. O grupo musical do 1.º ano fez gravações na RM da Beira para serem transmitidas.

Estes conjuntos poderiam ter avançado mais, mas tiveram falta de aparelhagem. As violas, pertencentes aos alunos, não tinham condições para poderem ser ouvidas por grandes assistências.

DA COMUNICAÇÃO AO DESPORTO

T — **Esgotado o tema cultural...**

J. M. — Queria ainda falar do Jornal do Povo que passou a ser uma forma importante de participação e interesse dos alunos porque incluía informação nacional e internacional e sobre problemas da própria Escola e dos alunos.

O Departamento de Informação da OJM interessou-se pela limpeza, ornamentação e embelezamento da Escola. O Departamento de Informação e Propaganda do Instituto é dirigido pelos alunos, integrados na OJM.

O Departamento de Alfabetização e Escolarização inclui o ensino da 5.ª e 6.ª classes aos trabalhadores do Instituto que não podem ir frequentar estabelecimentos oficiais na cidade.

P. R. — Acrescento a utilização da Alfabetização e Escolarização por pessoas das populações circunvizinhas. E destaco o papel da OJM neste processo de Educação.

J. M. — Outro Departamento importante foi o da Emulação Socialista que organizou correctamente o funcionamento das instalações dos alunos, como dormitórios, refeitórios, etc., que continuaram depois a funcionar sem problemas. E a Emulação deixou de ter razão para se manter.

P. R. — Outra consequência da Emulação Socialista foi o melhoramento dos aspectos disciplinares e pedagógicos e dos trabalhos voluntários desde a manutenção e limpeza da Escola ao seu embelezamento.

T — **E quanto a actividades desportivas?**

J. M. — Realizaram-se campeonatos de futebol intercursos, de volei interturmas, jogos de volei com equipas de professores e praticávamos também badminton. Praticávamos ainda atletismo e ciclismo, organizando competições em datas comemorativas. Além disso, havia competições desportivas dos alunos com trabalhadores das Empresas e com a OJM da cidade.

M. C. — Quero salientar que de maneira geral fazíamos desportos entre nós e com os

professores e também, o que me parece importante, do Instituto com outras Escolas da província.

J. M. — Iguualmente se constituiu um Núcleo de Xadrez que organizou dois campeonatos entre alunos e professores.

APRENDIZAGEM TEÓRICA E PRÁTICA

T — Em qualquer tipo de ensino teórico é fundamental fazer acompanhar a teoria ministrada de uma prática constante. No ensino agrário, parece-nos que a prática no campo assume função preponderante, devendo até parte da teoria ser ali dada...

H. R. — Há uma contradição entre o nosso grau teórico de conhecimentos e o prático, o que foi motivado, de certo modo, ao nível do 3.º ano, pelas práticas pré-profissionais (estágio) que tiveram lugar só dois meses antes do fim do ano. Durante esses dois meses, os finalistas dos cursos de Agricultura, Pecuária e Silvicultura estiveram em empresas agrárias de diversas províncias do país. A contradição minimizou-se nos casos das empresas em que funcionavam as nossas especialidades. Mas de maneira geral, a nossa integração no trabalho produtivo com o estágio, foi a melhor dentro das condições existentes.

J. M. — Nos dois anos de especialização, já com alguns conhecimentos técnicos, tivemos, dentro do horário normal, aulas práticas duas vezes por semana. Mas havia deficiências porque, por exemplo, no curso de Agricultura abria-se uma horta de 23 hectares e eram aí as aulas práticas. Isso não dava ideia do trabalho numa empresa de facto, nem das dificuldades em viaturas e materiais que uma empresa pode ter. Também não dispúnhamos de máquinas indispensáveis.

Ao lado da Escola foi já instalada uma empresa onde os alunos poderão praticar e penso que a partir deste ano o Instituto estará bem equipado, com laboratórios, oficinas de mecanização agrária, etc.

Os alunos do curso de Silvicultura tiveram actividade prática mais eficaz, na Penhalonga, em Bandula e na própria Escola.

P. R. — O Instituto já tinha anteriormente uma empresa mas que funcionava muito deficientemente por falta de direcção capaz e pela necessidade de se trabalhar a maior área possível longe das instalações escolares. Isso dificultava as aulas práticas e a colheita dos produtos era muitas vezes tardia. Assim se decidiu por uma empresa mais pequena junto às instalações do Instituto e portanto mais acessível para as aulas práticas e que tinha já uma direcção capaz.

Está realmente prevista a criação de condições para a prática dos alunos em todos os cursos.

A. C. — Penso que os dois meses de estágio são nitidamente insuficientes e que o tempo dedicado às aulas práticas deve ser dominante

em relação aos das teóricas e ao longo de todo o ano. Além disso, não dispúnhamos de transporte para ir às zonas agrícolas mais adequadas e a Escola não tinha áreas cultiváveis onde se pudesse praticar. As pequenas empresas agrícolas e pecuárias que estão a criar-se à volta da Escola serão realmente um bom campo de acção prática para os alunos.

P. R. — A ideia é responsabilizar grupos de alunos por sectores de trabalho. A mudança do Instituto para as novas instalações foi de resto muito proveitosa porque dispomos agora de melhores infra-estruturas para condições de ensino eficientes.

A. C. — O Instituto está neste momento a publicar um folheto — **O Agrário** — editado pelo Departamento de Informação e Propaganda e de que já saiu um número. Trata de assuntos escolares e actividades, mas contém também uma parte recreativa e outra de divulgação científica. Em 1981 passará a sair com regularidade.

ALUNAS: INTEGRAÇÃO E PARTICIPAÇÃO

T — Quantas alunas frequentam o Instituto e como tem sido a sua participação?

M. C. — Cerca de 50 dos totais dos alunos eram em 1980 do sexo feminino. Não tem havido qualquer tipo de discriminação e participamos em todas as actividades, no desporto como na cultura — e na culinária, também juntamente com os homens... Aconteceu ainda termos jogos com as professoras e com as mulheres dos professores do Instituto e também com alunas de várias escolas da cidade.

Nos fins de 1978, os alunos tiveram actividades de férias. Algumas alunas foram então participar num Seminário da OMM na cidade, proferindo nós palestras nos bairros e fábricas. Houve colaboração com a OMM da cidade na confecção de bonecos, roupas, etc. para um infantário.

Mas a participação feminina do Instituto foi principalmente ao nível da OJM.

DUAS MENSAGENS

T — Parece que acabámos de tratar os temas mais importantes...

A.C. — Julgo que sim. Mas gostaria, a terminar, de enaltecer o trabalho do nosso Director, pois pode dizer-se que nele está sintetizada a transformação do Instituto Agrário de Chimoio pela materialização da palavra de ordem de Sua Excelência o Ministro da Educação e Cultura.

M.C. — Desejo que os alunos que ficaram no IAC consigam aumentar tudo o que lá construímos.

Orientação de Orlando Mendes